Vamos Construir a Arca de Noé?

Os primeiros onze capítulos do Gênesis são alvo de muita controvérsia. A linha ultraconservadora considera o relato bíblico como tendo sido unicamente baseado em uma revelação especial, sem qualquer influência cultural extra-hebraica na sua composição; no outro extremo, os céticos atribuem o texto apenas a uma mitologia compartilhada especialmente com os mesopotâmios. Entre essas posições radicais, há diversas outras opções que nos levariam a produzir uma obra gigantesca sem qualquer possibilidade de conclusão. Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar o relato bíblico tal como ele se apresenta, eventualmente comparado com outras histórias do mundo antigo, mas sem tentar dar maiores explicações científicas a respeito dos detalhes dos acontecimentos. Manteremos o foco especialmente no significado teológico do que nos é apresentado, ou seja, o coração da narrativa que traz consequências para o mundo e a nossa vida até os dias de hoje.

Como viemos a existir? Como foram criados o universo, o mundo, a biodiversidade do planeta e nós mesmos? Como chegamos ao estado em que o mundo se encontra? São a perguntas como essas que a Bíblia responde de maneira muito simples e que pretendemos apresentar em *Vamos construir a arca de Noé?*. Estudaremos a criação, o processo da queda do homem pelo pecado e suas tragédias consequentes manifestadas no primeiro assassinato, na perversão generalizada dos homens, no severo julgamento do dilúvio e no castigo pela construção da torre. Em todo esse prelúdio bíblico, há uma relação tanto de julgamento divino como de manifestação de graça que pretendemos explicitar aqui.

O melhor exemplo dessa relação dupla está na construção da arca num episódio que narra não somente a destruição, mas também a salvação de Deus. Tenha uma boa leitura.

No princípio criou Deus

A Bíblia nos apresenta a história de como Deus criou o universo, formou o planeta Terra e nele plantou a vida, coroando toda a sua obra com o primeiro casal – homem e mulher. Entretanto, o homem caiu no pecado e comprometeu toda a obra. O relato bíblico nos mostra as implicações desse fato nos primeiros onze capítulos do Gênesis, onde profundas verdades teológicas se destacam:

1. Deus é o Criador de todas as coisas.
2. O pecado do homem, coroa da obra divina, alterou radicalmente a criação original.
3. O julgamento de Deus se opôs ao pecado humano em todos os seus aspectos.
4. Deus continua a sustentar a criação e a vida dos homens por sua graça.

Gênesis 1 a 11 é um prelúdio para contar a história da salvação, isto é, tudo aquilo que Deus fez para resolver o problema do pecado do homem e que veio a separar Criador e criatura.

A criação

Diferentemente de outras cosmogonias do mundo antigo, na história bíblica é Deus quem tudo cria. O mar e a terra não são vistos como divindades originais que geraram outros deuses (como nas narrativas mesopotâmicas das origens), mas apenas uma parte da obra divina. A visão da Bíblia também não é de uma criação a partir de uma matéria original da qual o próprio Deus tenha saído (como os deuses da cosmogonia grega). Toda a criação depende de Deus e toda ela está diante de seu julgamento.

Mais que isso: Deus criou o universo e todas as coisas pela sua Palavra dinâmica, que, sendo dita, se faz verdade e existência (Gn 1.1-3). *E disse Deus: haja luz, e houve luz*: ele apenas disse, e foi feito. Uma grande revelação acompanhada de um grande mistério: Deus apresenta-se primeiramente como alguém que se comunica; além disso, a criação foi realizada por meio do Verbo (a Palavra) que estava no início com Deus, e tudo o que existe foi feito por ele e para ele (Jo 1.1-3).

No relato dos dias da criação, fica caracterizada uma ordem lógica: numa forma que segue o padrão da poesia hebraica – a repetição de enunciados que se explicam e completam –, tudo foi sendo criado em uma crescente dignidade: da matéria inanimada até a vida animal e, finalmente, o ápice com a humanidade.

Poucos assuntos trazem tanto mistério e curiosidade quanto o tema das origens. O "como começou" de um povo é especulado em diversas histórias (às vezes chamadas de mito ou lenda por alguns estudiosos): a jornada de Rômulo na fundação de Roma é um exemplo da nossa curiosidade sobre as origens. Mas provavelmente a mais enigmática de todas as especulações seja a criação e a origem da vida. Trata-se do grande mistério que a ciência também procura investigar e desvendar.

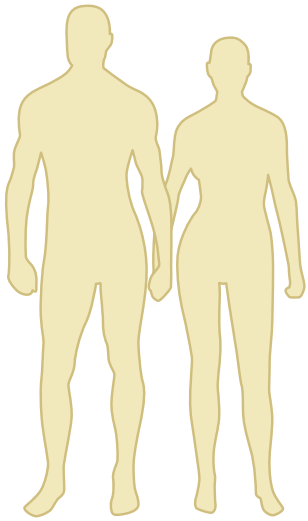
Observe-se que a narrativa bíblica não segue um padrão científico moderno (reconstruindo o detalhe e apresentando a prova do enunciado), bem como não se preocupa em agradar exclusivamente ao homem do século XXI – como se este fosse o objetivo final de toda a Palavra de Deus. O que aconteceu é contado por meio de hinos poéticos que funcionam como espelhos entre suas partes. Assim, ao primeiro dia da criação (quando Deus cria a luz) corresponde o quarto (quando são criados os corpos celestes); ao segundo (firmamento e águas de cima e de baixo), corresponde o quinto (aves e peixes); finalmente, ao terceiro dia (terra e vegetais) corresponde o sexto dia (animais e homem). O descanso do último dia traz, com o próprio Deus, a perfeição simbólica do número 7.

Dia 1	*Luz, separação entre luz e trevas*	**Dia 4**	*Sol, lua e estrelas*
Dia 2	*Firmamento, separação entre as águas "de cima" e águas "de baixo"*	**Dia 5**	*Animais marinhos (peixes) e aves*
Dia 3	*Separação entre as águas e a terra; vegetais*	**Dia 6**	*Animais terrestres, homem e mulher*
		Dia 7	*Descanso de Deus*

A criação do homem e da mulher

O ápice do relato da criação é a formação do homem e da mulher, apresentado já no primeiro capítulo (Gn 1.26-28). Trata-se de uma obra tão importante que o autor bíblico registrou ainda um segundo relato dessa criação (Gn 2.4-25), dessa vez detalhando como ela foi realizada: o homem veio do barro, e a mulher, de sua costela (daí a expressão de que a mulher é "carne de sua carne"). Ao final desse segundo relato (no versículo 23), está explicitada a situação de total identificação entre ambos, reiterada pelas expressões hebraicas pelas quais ambos se reconhecem: *Ish* (Homem) e *Isha* (Mulher).

Além de ter sido concebida como dois – para ser uma comunidade de amor –, a humanidade foi criada à semelhança de Deus (Gn 1.24-27). A pergunta que normalmente se levanta em torno dessa questão é: qual afinal é a semelhança com o divino? O próprio texto explica: Deus deu ao homem o mesmo poder que ele exerce, isto é, o domínio sobre a criação. Ao homem foi dado que domine sobre todas as coisas; logo, a humanidade se ocupa, como coroa da criação, de todas as coisas que Deus criou. Ao final, Deus concluiu sua obra com uma expressão de bênção (Gn 1.28).

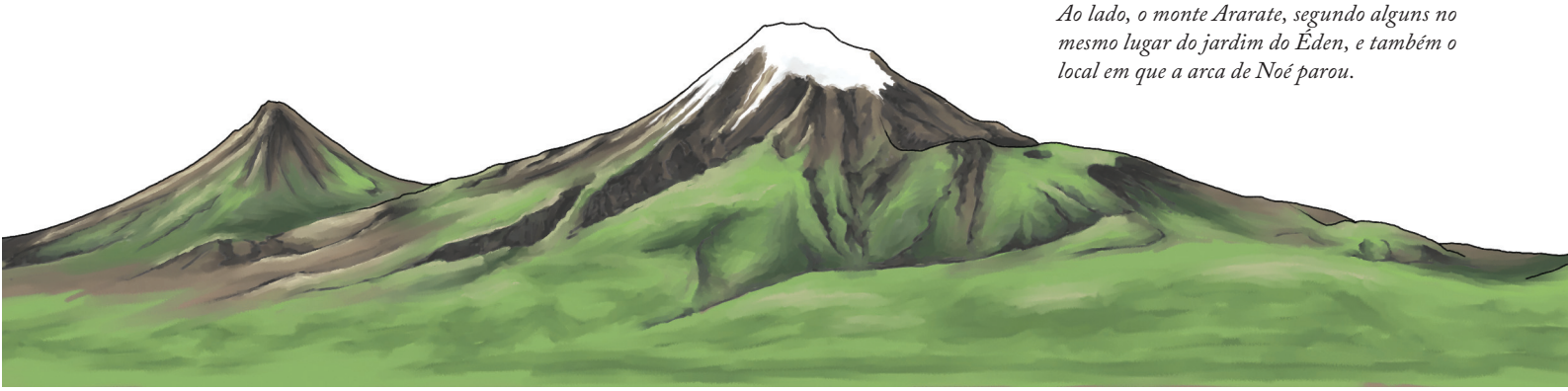


Infelizmente, não tempos palavra na língua portuguesa que se aproxime dessa percepção de igualdade entre homem e mulher: algumas traduções acabam usando "será Varoa, porque do Varão foi tirada" *para o versículo 23, mas é simplesmente horrível. Perdemos essa verdade na tradução do texto para a nossa língua.*

O jardim do Éden

Outro detalhamento da criação que aparece na forma de um segundo relato é a plantação de um jardim. No capítulo 2, Deus plantou um jardim e nele colocou o homem, dando-lhe a ordem de cultivá-lo (Gn. 2.15). Mais do que ter o domínio de toda a criação, o homem devia guardar a obra de Deus, cuidar dela, na mesma medida em que tiraria dela o seu sustento. O cultivo do jardim implicou a produção da cultura pelo homem, justamente porque se estabeleceu uma relação entre seus modos de cultivá-lo e as características próprias de cada ambiente natural. O jardim do Éden foi a utopia original do homem: um lugar para dominar, mas também cultivar; onde estabeleceria uma relação com a criação de Deus e também com o Deus da criação.

Aqui estamos entendendo a cultura como a produção do homem resultante das suas relações de sobrevivência com o meio ambiente e com outros homens no mesmo espaço geográfico, compondo para tanto um conjunto de características sociais, econômicas e religiosas específicas.



Ao lado, o monte Ararate, segundo alguns no mesmo lugar do jardim do Éden, e também o local em que a arca de Noé parou.

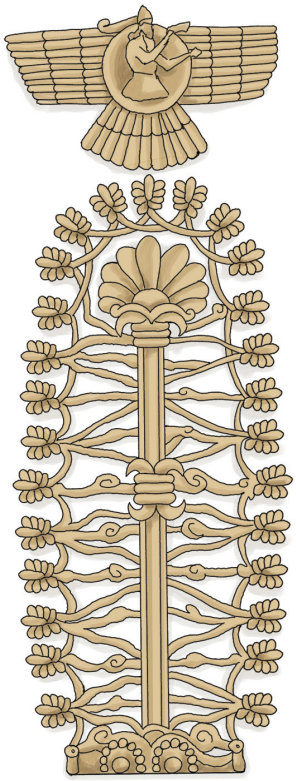
A QUEDA DO HOMEM

Se o jardim foi a utopia original do homem, também foi o local onde ele sofreu um teste. Os dois capítulos iniciais contam a criação perfeita de Deus; os capítulos seguintes (3 a 11) falam da rebelião do homem e das catástrofes resultantes do abandono da proposta divina. As narrativas deste bloco apresentam diversas histórias que mostram a seriedade dessa rebelião, resultando em verdadeiras tragédias que comprometeram a existência humana em todos os sentidos. Entretanto, para cada fracasso do homem em suas empreitadas, houve sempre espaço para bênçãos de Deus.

O pecado original

No relato bíblico, são descritas duas árvores diferentes e especiais, plantadas no jardim (Gn 2.9,16,17): a primeira é a Árvore da Vida, e a segunda, a do Conhecimento do Bem e do Mal. Ou seja: havia no jardim do Éden grandes potencialidades para o homem, inclusive – e não sabemos explicar por que – a possibilidade para o mal. A Árvore da Vida era o próprio poder doador de vida vindo de Deus, o "único Vivente" de fato. Já a Árvore do Conhecimento do Bem e do Mal dava ao homem acesso ao conhecimento, mas também à ignorância; para viver de maneira correta, mas também erroneamente. Havia a possibilidade de escolha para o casal primordial.

Qual o propósito disso? Testar o homem, talvez? Não sabemos explicar exatamente as razões, mas o fato último é que mesmo tal tragédia estava dentro da soberania de Deus; na sua sabedoria, Deus levou a humanidade a um teste, e ela falhou. Muita especulação já se fez em torno de qual seria o "pecado original". O que nos interessa aqui é que essa misteriosa árvore – do Conhecimento do Bem e o Mal – ensina simbolicamente ao homem que ele não pode fazer o que quiser, nem estabelecer ele mesmo as próprias normas do que seria o certo e o errado. Esse arbítrio não foi repassado ao domínio do homem: somente a Deus pertence. Mas o homem arrogou-se o direito de definir a si mesmo o que ele considera bem ou mal, rompendo com seu Criador e fazendo-se deus de si mesmo (comendo da árvore, o casal anseia ser "como Deus" – Gn 3.5). A humanidade caiu na arrogância da autossuficiência: tendo já recebido do Senhor o domínio e não se sentindo satisfeita com isso, buscou a independência de Deus. Em outras palavras: o homem reivindicou autonomia moral, definindo ele mesmo o que é o bem e o que é o mal, prerrogativa exclusivamente divina.



Esta é a representação da Árvore da Vida (como normalmente é interpretada esta figura) na cultura assíria, encontrada em um mural do palácio de Assurnasirpal II, em Kalhu (Nimrud), do século IX a.C. A Árvore da Vida reaparece no Apocalipse, plantada na Nova Jerusalém, a cidade eterna dos novos céus e nova terra (Ap 22.1,2).

Este é o desenho de um selo cilíndrico (planificado nesta ilustração) encontrado na Mesopotâmia e datado de cerca de 2200 a 2100 a.C. Os arqueólogos não veem razão para ligar a imagem à história do Gênesis, mas trata-se de uma figura no mínimo curiosa.

Outra especulação existente na superficialidade das discussões a respeito da queda é qual teria sido a Árvore do Bem e do Mal. Para a tradição judaica, era uma videira; para os gregos, uma figueira. A ideia contemporânea tão popularizada de que seria uma macieira nasceu com os escritores latinos (da Idade Média), talvez por uma semelhança entre as palavras latinas malum *(mal) e* malus *(macieira).*